

LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos (Orgs). **Habitantes de Babel**: políticas e poéticas da diferença. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

JORGE LARROSA – professor de Filosofia da Educação na Universidade de Barcelona. É doutor em pedagogia e realizou estudos de pós-doutorado no Instituto de Educação da Universidade de Londres e no Centro Michel Foucault da Sorbonne em Paris. Outras obras: *La experiência de La lectura* (1996) e *Pedagogia profana* (1998).

CARLOS SKLIAR – professor no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Rio Grande do Sul. Outras obras: *A surdez: um olhar sobre as diferenças* (1998) e *Atualidade da Educação Bilíngüe para Surdos* (1999).

Através do mito de babel, os autores caracterizam o confuso mundo em que vivemos, colocando em dúvida toda certeza, desconfiando da história e tornando incompreensível o que até então se apresentava lógico e racional. Até mesmo a liberdade que se pensava ter sido conquistada por atos grandiosos de emancipações foi apresentada neste livro como uma manipulação incluída pelos poderes e pelo capital.

Outros temas como diversidade, representações sociais, processos sociopolíticos e cognitivos, cultura, políticas governamentais, sociedade, alteridade, inclusão e identidade contribuem para levar o leitor a refletir em um tempo onde mais importante que a liberdade está o fato de aprender a viver juntos e a comunicar-se ordenadamente identificando e administrando as diferenças, tratando de integrar todos em um mundo inofensivamente plural e ao mesmo tempo burocrático e globalizado, transpondo e governando fronteiras entre o sim e o não, o certo e o incerto, ser e não ser, ter e não ter, saber e não saber, o mesmo e o outro, patriota e estrangeiro... E assim, babelicamente vivendo.

Os seres humanos são libertos da culpa inventada pelos rabinos para justificar que há um só povo eleito, que por sua vez foi adotada com entusiasmo pelos fundadores do cristianismo para culpabilizar a todos os povos sem exceção, pela soberba que trouxe

destruição e desunificação a toda a humanidade. É justamente desta desunificação que fomos perdoados, pois o mito de babel já não é visto como castigo e sim como necessário à sobrevivência dos seres humanos como formadores de comunidades. Não uma comunidade baseada na essência comum e universal do gênero humano, tampouco comunidades fechadas que se refere aos que têm a mesma raça, a mesma língua, a mesma cultura, o mesmo sexo. Mas uma comunidade que critica os mitos comunitaristas, dissolve as formas travestidas que adquiri o pensamento da unanimidade, da totalidade e da mesmidade, e se apresenta como um pensamento da comunicação, da mediação ou do diálogo e não nega a experiência de uma comunidade discordante consigo mesma, infundada, alterada, excêntrica, multifacetada, polifônica, incompleta, impura, conflitiva, aberta e arriscada.

Na relação entre comunidade e alteridade somos convidados a pensar na dinâmica da liberdade e identidade, desconfiando de todos aqueles que querem impor sua realidade, com pretensões de serem detentores da única realidade e a única verdade como se o outro pudesse ser anulado por não fazer parte do mesmo.

Essa anulação do outro é colocado no livro como uma possibilidade de violência ao outro, enquanto o contrário disto é o gesto de não violência e implica ao mesmo tempo saber que sou também essencialmente o outro do outro.

Assim a alteridade implica uma estranha relação de assimetria na qual não podemos reconhecer o outro como outro, mais do que na diferença. Esse pensamento da diferença é o da singularidade do acontecimento, da experiência do advir que acontece a partir do outro e o outro da experiência irreduzível ao previsível ao programável, pois remete ao outro e a outro que não posso e não devo determinar de antemão, ao outro que não pode nem deve permitir que se o determine de antemão.

Pelas páginas do livro, entende-se por comunidade não a coexistência física de cidadãos em um lugar territorial determinado, nem a coexistência sancionada pelos mesmos valores, mas sim o aparecimento da pluralidade e da diferença que interrompe o uno e o mesmo.

Para esta diferença somos chamados a atenção para a presença real do outro na Universidade, que se faz nula no sentido de na formação universitária não estar sendo levado em conta o rosto, a voz e o olhar do outro, pois não existe a aproximação que permite isto, sendo assim só resta escutar e adivinhar o outro, abrindo nossos sentidos e

fazendo pensar a nosso próprio coração sobre a perturbação que em nós produz sua possível presença, refletindo sobre a ilusão de normalidade que nos impede conhecê-los, refletindo sobre o fato de que se olharmos para fora, onde o outro não está porque está em mim, nunca o conheceremos.

Como consequência desta maneira de pensar ao se tratar de educação especial se produz um esforço para fazer as "identidades especiais" existir, produzido pela necessidade de normalizar as identidades dos profissionais que a universidade pretende formar, dando preferência a formação de técnicos capazes de negar a diversidade em detrimento da unanimidade minimizando o próprio e pessoal; magnificando o saber sobre os demais e negando o saber que os demais produzem sobre si mesmo.

O livro ainda mostra que com a pós-modernidade, as utopias que faziam parte da modernidade se desfizeram para dar lugar ao singularismo do sujeito, por outro lado, também apresenta este desabamento de utopias como começo de um "novo sentido" na busca da liberdade, tentando se livrar das amarras da construção cultural que ao mesmo tempo dá a ilusão de liberdade e falta de sentido.

A ilusão de liberdade onde o ser moderno se imaginava livre para tomar decisões, mas na "realidade" é induzido através da cultura construída e (in)posta pelos próprios seres humanos bem como da contingência. Ao se distanciar das construções, procurando a liberdade o sujeito vive o desassossego.

Superar o que é estabelecido culturalmente e poder decidir livremente a respeito da própria vida tomando a si suas consequências faz com que o sujeito seja "dono de seu destino" e responsável por seus atos.

Na vontade de poder participamos do meio e desejamos modificar o meio. A vontade de mudança nasce no próprio meio, permitindo influenciar e ser influenciada, produzindo sentidos nos vínculos com o outro, afastando-se da racionalidade, não sendo detentora de toda verdade e de toda certeza, mas transformando, quebrando, desmontando a certeza. Toda esta ressignificação permite o processo de vibração transcultural, em que o outro, como outra cultura que participa comigo em um campo de afinidades e conflitos, se recria também com particular intensidade.

Enfim, neste livro todos os conceitos construídos culturalmente que serviam de base firme e sólida para o sujeito, imposto pela religião e pela sociedade, são reconstruídos, não fica nada indiscutível nenhum fundamento seguro ao qual agarrar-se.

Nada permanece, nada nós dá segurança. As coisas são fugazes, e nós somos mais fugazes ainda. E nossa fugacidade se faz por conta de vivermos em um mundo babélico, construído babelicamente, desencantado, estranho... Onde o eu se dissolve em uma cidade na qual já não é possível estabelecer relações com os demais e onde o ser humano perdeu sua individualidade, não nos fazendo seres humanos somente pelo resultado de nossas ações premeditadas, mas também da casualidade, da contingência. E neste movimento que se inscreve toda vida humana, toda identidade.